

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 241/2012

O RIO NOS PRIMEIROS DIAS

Rio, 40 graus”, o inesquecível filme de Nelson Pereira dos Santos se fez muito lembrado no primeiro dia do novo ano; o verão começou pesado, batendo recordes de temperatura, e prometendo manter acesa a fôrnalha da Cidade por uns dois meses. Ambientalistas se excitam prevendo catástrofes no aquecimento global, enquanto os russos, do outro lado do mundo, literalmente morrem sob um frio inimaginável.

Quando eu era menino, já havia evidentemente este calor no Rio; o que não havia era o ar refrigerado. Que eu me lembre, senti a delícia por inteiro, pela primeira vez, no Cinema Metro Copacabana, no final dos anos trinta, assistindo “E o vento levou”; e escutei a referência, como superlativo de luxo, na marchinha “Aurora”, cantada por Joel e Gaúcho: “um lindo apartamento com porteiro e elevador, e ar refrigerado para os dias de calor”. As novidades de luxo exclusivo: o apartamento em edifício com elevador numa cidade feita ainda só de casas, e o delicioso ar refrigerado, privilégio dos cumes elevados. Mas guardo bem a realidade da lembrança viva e penosa de meu pai bufando, aí pelos mesmos anos trinta, banhado de suor, sentado em sua mesa de trabalho de mangas arregaçadas e sem gravata, no Departamento de Estradas de Rodagem em Niterói, fazendo uma pausa nos seus despachos para chupar meia dúzia de mangas saborosas, enquanto providenciavam um outro ventilador porque o seu havia entrado em pane.

Hoje uma sucessão de irritantes apagões no fim do ano é atribuída a um excesso de carga resultante de milhões de aparelhos de ar condicionado ligados ao mesmo tempo. A explicação não chega a convencer mas mostra bem como o Rio é outro sendo o mesmo Rio do filme antológico de 55.

E será realmente ainda outro, mais belo e civilizado, no ano das Olimpíadas: o conjunto de obras em execução colocará a Cidade no mesmo patamar de melhoramentos urbanísticos realizados no início do século passado, com Pereira Passos e no meio do século, com Carlos Lacerda. Assim será visto o prefeito Eduardo Paes, independentemente de qualquer afeição política. Teve sorte de subir ao pódio num momento favorável? Sim. Teve ajuda substancial do Governo Federal? Sim. Mas nada disso há de tirar a grandeza da sua imagem ao fim das obras. Fazem parte das contingências da política.

Gosto de remarcar, entretanto, para meu regozijo político, que o mais querido prefeito do Rio de todos os tempos, Pedro Ernesto, não deixou nenhuma obra de destaque na Cidade mas supervisionou, ele mesmo, nos primeiros anos trinta, a instalação de um bom sistema de atendimento público de saúde, antes inexistente, e convocou o jovem baiano Anísio Teixeira para instalar o sistema público de educação que foi modelar durante várias décadas.

Evoco esta lembrança para manifestar minha esperança de que, após a grande e louvável remodelação urbanística, o Rio volte sua atenção para reconstruir, com prioridade absoluta, os seus desgastados sistemas públicos de saúde e educação.

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturnino.braga@uol.com.br
www.saturninobraga.com.br

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 241/2012

No ofício de escrever livros de ficção, que pratico com muito gosto, invento personagens em narrativas quase sempre passadas no Rio, procurando caracterizar uma filosofia de vida que julgo ser muito própria da nossa Cidade. E muito madura, muito feliz no sentido de conseguir dosar com sabedoria o esforço cotidiano necessário, sem ir além dele, criando boas margens para cultivar o afeto, o lazer e a contemplação da natureza divina à sua volta.

O Rio foi capital durante duzentos anos, e irradiou para o Brasil muito dessa sua filosofia feliz. E hoje, com prestígio enaltecido no mundo pela sua nova política, o Brasil começa a mostrar aos outros povos um pouco dessa maneira de viver que conduz à cooperação, ao entendimento e à paz. E vai ganhar o reconhecimento, eu acho, dessa qualificação que o credencia para a grande missão da Paz entre as nações.

Volto ao Rio, nosso amor: no dia seguinte à noite da maior festa de Reveillon de todos os tempos, em Copacabana, um símbolo mundial, a Cidade amanhece ensolarada, colorida, muito quente, mas feliz.

Que navegue nesse vapor luminoso de felicidade durante o ano de 2013, mesmo convivendo com os incômodos, chatíssimos e inevitáveis, dessas obras de remodelação.

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturnino.braga@uol.com.br
www.saturninobraga.com.br